



ARU ANDA

Lugar onde moram os orixás cantados até hoje nas rodas



ANA MARIA GONÇALVES

UM HAUSTO¹ E O SOPRO DE PALAVRAS QUE DÁ VIDA AOS SUSSURROS

UMA HOMENAGEM À
ANA MARIA GONÇALVES PELA OBRA
"UM DEFEITO DE COR"

Nélida Capela

Nélida Capela é mestra em Teoria Literária na PUC-Rio. É curadora, produtora de eventos especiais e novos negócios na Blooks Livraria.

Por trazer em sua obra prima o diálogo com a sociedade em relação à temática racial e sendo comprometida com a resistência e luta pela implementação de políticas afirmativas no contexto socioeducativo, prestamos esta homenagem à escritora Ana Maria Gonçalves. A convite da Revista Aú, do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros do

DEGASE (NEAB-D), apresentamos breves reflexões sobre a literatura no Brasil, suas temáticas e questões no mercado editorial e ambiente literário. Muitos estudos já se debruçaram sobre a obra da autora, não é esta a nossa proposta, mas sim apresentar informações que despertem novas leituras da produção da autora.

Ela escreveu o livro **Um defeito de cor**, que se tornaria símbolo e chave para um momento histórico na literatura brasileira, o de reconhecimento da escrita ficcional e memorial da diáspora africana e afrodescendente escrita por autoras negras. O sopro de suas palavras deu vida aos sussurros da escravidão há muito tempo silenciados no Brasil. Mesmo que pela ficção, no gênero romance histórico, a figura libertária de Luísa Mahin², personagem principal do romance, inspira as novas gerações de leitores e traz Luiz Gama³ para o grande público. Além de reconstruir ficcionalmente a vida de Luísa Mahin, o romance narra o cotidiano africano e afro-brasileiro dos negros es-

cravizados e libertos, o fluxo do tráfico negreiro, a sua organização e capilaridade, o espelho diário da branquitude portuguesa, o movimento da imigração em São Paulo, a história das cidades, a história dos voduns e dos orixás.

Mas, para quem não conhece a autora ainda, uma minibiografia cairá bem: Ana Maria Gonçalves é natural de Ibiá, Minas Gerais (1970). Na divisa de Ibiá estaria localizado o segundo Quilombo do Ambrósio - o original teria sido um dos maiores e mais duradouros quilombos de Minas Gerais. AMG cursou Publicidade e Propaganda e trabalhou na área até 2001, quando começou a escrever ficção. Em 2002, mudou-se de São Paulo para a Ilha de Itaparica, na Bahia, onde escreveu e lançou em edição independente o romance **Ao lado e à margem do que sentes por mim**. Nessa época, já fazia a pesquisa histórica para o livro UDC. Tem textos publicados em antologias em Portugal e na Itália. Com o lançamento de UDC, ela se tornou conhecida em todo o país. Após

alguns anos morando em New Orleans, nos Estados Unidos, AMG retornou ao Brasil em 2014.

Apesar de ter escrito contos, peças de teatro, artigos e o livro **Ao lado e à margem do que sentes por mim** (2002), sem dúvida alguma é **Um defeito de cor** (2006), atualmente na 19ª edição, que marca a trajetória literária da escritora Ana Maria Gonçalves (AMG). Tanto que, em 2007, AMG foi reconhecida internacionalmente com o prêmio literário de maior prestígio no continente: o Casa de Las Américas - uma das mais importantes instituições culturais de Cuba. Ao final da primeira década do século XXI, ano de 2009, os editores do antigo caderno de literatura do jornal O Globo, **Prosa & Verso**⁴, elegem o romance como um dos 10 da década. Chamo a atenção para o fato de que AMG foi a única escritora selecionada. Os outros 09 eram todos escritos por homens.

Desde o século XIX, mesmo que existissem, muitas autoras negras brasileiras foram in-

visibilizadas. Carolina Maria de Jesus (1914) ainda estava em processo de aceitação no mercado editorial, apesar de ter batido em vendas escritores como Jorge Amado, e ter permanecido em lista dos mais vendidos por longos períodos; Ruth Guimarães (1920) mal era mencionada, apesar de todas as chancelas do mundo literário moderno, foi pupila de Mario de Andrade; Rosa Egípcia (1725) foi quase que completamente apagada - escreveu **Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas**, livro qualificado como heresia e parcialmente destruído; Maria Firmina dos Reis (1822), nascida no ano da independência do Brasil, escreveu **Úrsula**, uma crítica à escravidão com a humanização dos escravizados desumanizados - só recentemente o livro foi editado por mais de 03 editoras, já que sua obra é de domínio público. Esses são alguns poucos nomes, mas eles são muitos. Somente em 2020, segunda década do século XXI, Jéssica Balbino e Ketty Valencio organizam para a Revista Margens a lista de 100 autoras pretas brasileiras - o mapea-

mento ainda está em andamento, num processo crescente. Além dessa curadoria da Jéssica e da Ketty para formar a lista, é importante mencionar a pesquisa e estudo de Fernanda Miranda acerca das autoras negras brasileiras do período de 1859-2006, publicada em 2019 pela editora Malê. Recomendo a leitura do livro, a referência está na leitura recomendada ao final do texto.

Perguntada sobre que lugar UDC ocupa na história da literatura brasileira do século XXI pelo FAN - Festival de Arte Negra de 2019, AMG diz: “Fiquei sabendo de uma informação, há umas duas semanas, que me deixou bem chocada: que desde 1859, com a publicação do livro da Maria Firmina dos Reis, “Úrsula”, até 2006, com a publicação de “Um Defeito de Cor”, só 11 romances escritos por autoras negras foram publicados no Brasil. A gente sabia que era pouco, mas eu não tinha a dimensão desse número, do quanto pouco é, e depois de “Um Defeito de Cor”, de 2006 para cá, foram publicados 17 livros, o que também considero um número

baixíssimo, mas acho que há aí uma tomada de fôlego. Acho que “Um Defeito de Cor” teve a sorte de ser lançado num momento em que questões ligadas à raça estavam em plena efervescência, porque era aquela época em que a gente estava discutindo cotas⁵. E aí ele veio nesse momento de procura, em que as pessoas estavam interessadas, porque esse assunto das cotas foi para a mídia, tomou um certo vulto, e muita gente percebeu que não conhecia nada da história real, só conhecia da história oficiosa, então o livro caiu nessa lacuna da história das publicações no Brasil.”

Editado , em 2006, pelo Grupo Editorial RECORD⁶ , - que também publicou os clássicos **Cor Púrpura**, de Alice Walker, e **Eu, Tituba**, de Maryse Condé, até 2017- o livro UDC já havia vendido 16 mil exemplares, uma média de 1.454 livros por ano. Em 2021, essa marca deve alcançar 21.810 exemplares. Caso ainda em 2021 realmente haja a estreia da supersérie Um defeito de cor, pela TV Globo, essa marca poderá al-

cançar números muito mais significativos. O livro tem 951 páginas e conta com uma rica bibliografia. Millôr Fernandes é quem assina a orelha do livro e no texto já compara o romance a outros grandes escritos que também fundamentam uma territorialidade geográfica e memorial na Literatura Brasileira e Universal. Sobre **Ao lado e à margem do que sentes por mim**, seu primeiro romance, foi editado de forma independente, atualmente está esgotado.

Além de realizar a pesquisa para a escrita de um livro que está entre os clássicos brasileiros, AMG não só escreveu o romance, mas com ele promoveu a formação de novos leitores, incentivou a leitura, o resgate da cultura afro-brasileira e o levante da literatura feita por escritoras negras de uma forma mais ampla e popular. A partir do sucesso de UDC, sua *Magnum opus*⁷, as editoras independentes e eventos literários iniciaram o movimento de reconhecimento de autoras como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo.

A obra de AMG convoca seus leitores a retomar estradas e encruzilhadas, transforma destinos, cria narrativas. Sua potência textual interdisciplinar pode alcançar outros ambientes da arte. Por exemplo, em 2018, é realizada a exposição “Somos todos Kehinde”, com fotografias de Januário Garcia⁸ e fragmentos literários da obra UDC. A exposição fez parte do programa Encontro com Territórios, realizado na Estação Leitura, que é uma biblioteca popular, localizada na estação Central do MetrôRio, onde circulam moradores de todo o Rio de Janeiro e municípios vizinhos da Zona Oeste, Baixada Fluminense e Zona Norte. A faixa etária de leitores é entre 18 e 90 anos, e há também o público infantil. Uma iniciativa dessas proporciona à obra um alcance incalculável, além do poder de despertar identidades.

Uma das citações mais famosas da escritora Nobel de Literatura Toni Morrison é "*Se há um livro que você quer ler, mas não foi escrito ainda, então você deve escrevê-lo.*"

“Para quem é mestiça, como eu, e em uma sociedade na qual o racismo é estrutural, a identidade é uma identidade negociável. Não há nenhuma vantagem em ser negra, e dependendo da classe social, do nível econômico e cultural, a própria sociedade trabalha para que se sofra um processo de embranquecimento. Juntando isso ao contexto histórico, no qual a verdadeira história da escravidão e do pós-abolição nos foi negada, minha identidade negra foi construída e buscada durante o processo de pesquisa e escrita do livro. Ele conta uma história que eu não consegui encontrar pronta, e por isso quis escrever. A viagem de Kehinde é a minha viagem pra dentro de mim mesma, onde encontrei eco das histórias que pesquisei.”

Na declaração de AMG acima, compreendemos que este livro estava destinado a ser escrito pela autora mineira que trabalhou durante 5 anos para mergulhar no universo afro-brasileiro, analisar documentos e rela-

tos históricos formais e não-formais, revisar e finalizar o romance - escrever não é só inspiração, mas muita transpiração. No prólogo do livro, lemos como foi essa odisséia. Inicialmente, Ana Maria queria pesquisar e escrever sobre a Revolta dos Malês⁹, porém, acontecimentos inesperados levaram-na a encontrar, acidentalmente, *serendipity*¹⁰, documentos perdidos numa casa de caiçaras na Bahia. A partir daí desenrola-se uma narrativa que abrange 80 anos na vida de Kehinde, Luísa Mahin, 951 páginas de leitura fluente e envolvente, com acontecimentos de toda sorte na vida da personagem, numa constante e atemporal travessia transatlântica, idas e vindas pelos caminhos da calunga pequena¹¹ e da calunga grande, Brasis e Áfricas.

Com essa obra, Ana Maria carrega, sem dúvida, a missão de levar a literatura para o maior número de pessoas, leitoras e não-leitoras, de todos os lugares, fazendo ouvir os sussurros por tanto tempo abafados. Há uma literatura histórica que surge e ressurre-

ge a partir de AMG, por exemplo, de Ponciá Vicêncio (2003) e Água de Barrela (2015), com as autoras Conceição Evaristo e Eliana Alves Cruz, todas dando voz, transcrevendo para a literatura escrita a memória das suas *griotes*¹².

Não deixem de criar a oportunidade de leitura para o romance **Um defeito de cor**. Ele pode intimidar no início, mas derrubando a barreira inicial do volume do livro, você, leitor, enveredará por um caminho transformador, não sairá o mesmo, a mesma depois da leitura. Deixe Ana Maria Gonçalves entrar na sua vida!

NOTAS

1. Aspiração longa e profunda, ação de sorver.
2. Luísa Mahin teria nascido na Costa da Mina, na África, no início do século XIX, sendo trazida para o Brasil como escrava. Pertencente à tribo Mahi, da nação africana Nagô, acredita-se que Luísa esteve envolvida na articulação de todas as revoltas e levantes de escravos que sacudiram a então Província da Bahia nas primeiras décadas do século XIX. Apesar de não serem encontrados registros formais, a Lei n.º 13.816, de 24 de abril de 2019, inscreveu o nome de Luísa Mahin no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.
3. Luís Gonzaga Pinto da Gama nasceu em Salvador, 21 de junho de 1830. Foi um abolicionista, orador, jornalista, escritor brasileiro e o Patrono da Abolição da Escravidão do Brasil. Nascido de mãe negra livre e pai branco, foi feito escravo aos 10 anos, e permaneceu analfabeto até os 17 anos de idade. Conquistou judicialmente a própria liberdade e passou a atuar na advocacia em prol dos cativos, sendo considerado "o maior abolicionista do Brasil".
4. Suplemento Literário do jornal O Globo que era publicado aos sábados. No período de 20 anos, de 1995 a 2015, o suplemento apresentou aos leitores informações sobre a vasta produção literária publicada no Brasil, assim como abriu espaço para resenha de obras disponíveis na internet. Sobre o fim dos suplementos literários, importante instrumento para ajudar na formação de leitores, recomendo leitura do artigo de Felipe Lindoso no PublishNews: <https://www.publishnews.com.br/materias/2013/04/10/72728-o-fim-dos-suplementos-literarios>
5. Em 1997, apenas 1,8% dos jovens entre 18 e 24 anos que se declararam negros havia frequentado uma universidade, segundo o Censo. As políticas públicas em torno do direito universal de acesso ao ensino, principalmente superior, começaram a ser reivindicados, então, pelo movimento negro. Quando a questão das cotas para estudantes negros chegou ao Supremo Tribunal Federal, em 2012, a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), em 2000, por conta de uma lei estadual, foi a pioneira em conceder uma cota de 50% em cursos de graduação, por meio do processo seletivo, para estudantes de escolas públicas.
6. Fundada em 1940, é nesta casa editorial que foram publicados livros como Os Condenados da Terra, de Frantz Fanon, hoje esgotado. Fazem

parte do grupos selos como Record, Civilização Brasileira, Paz e Terra, Rosa dos Tempos, entre outros.

7. Obra-prima

8. Januário Garcia - fotógrafo brasileiro com extenso trabalho nas áreas de publicidade, música e documentação de afrodescendentes em âmbitos social, político, cultural e econômico. Januário participa de importantes espaços de memória, arte e cultura do povo negro.

9. A Revolta dos Malês foi um levante de escravos de maioria muçulmana na cidade de Salvador, capital da Bahia, que aconteceu na noite de 24 para 25 de janeiro de 1835. Os malês eram negros de origem islâmica, e o termo malê tem origem na palavra imalê, que significa "muçulmano" na língua iorubá. Apenas negros africanos tomaram parte na revolta, que contou com cerca de 600 homens. Os nascidos no Brasil, chamados crioulos, não cooperaram.

10. *Serendipity* é uma palavra em inglês que significa uma feliz descoberta ao acaso, ou a sorte de encontrar algo precioso onde não estávamos procurando. O termo serendipity foi criado no século XVI pelo escritor inglês Horace Walpole. A palavra teria sido retirada de um conto chamado "The Three Princes of Serendip", personagens que sempre faziam descobertas acidentais usando sua sagacidade.

11. A calunga pequena se caracteriza enquanto cemitério físico, pequeno e limitado. Enquanto a calunga grande é a imensidão do mar que traga aqueles que mais amamos.

12. Feminino de *griô*, indivíduo que na África Ocidental tem por vocação preservar e transmitir as histórias, conhecimentos, canções e mitos do seu povo. Existem griôs/griotes músicos e griôs/griotes contadores de histórias. Ensinam a arte, o conhecimento de plantas, tradições, histórias e aconselhavam membros das famílias reais.

LEITURA RECOMENDADA

MIRANDA, Fernanda R. de e OLIVEIRA, Maria Aparecida Cruz de. Ana Maria Gonçalves: Cartografia Crítica. Brasília: Edições Carolina, 2020.

_____. Silêncios prescritos: estudo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006). Rio de Janeiro: Malê, 2019.

GONÇALVES, Ana Maria. Um defeito de cor. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

_____ in: Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica. Organização de Eduardo de Assis Duarte. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 3, Contemporaneidade.

100 escritoras pretas brasileiras para você conhecer - Revista Margens - Seleção de Jéssica Balbino e Ketty Valencio:

<https://margens.com.br/2020/06/20/especial-listamos-mais-de-100-escritoras-pretas-brasileiras-para-voce-conhecer/>

Críticos elegem os dez melhores livros dos anos 2000:

<https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/criticos-elegem-os-dez-melhores-livros-dos-anos-2000-252689.html>

Entrevista da editora RECORD com a autora:

<https://www.record.com.br/um-defeito-de-cor-de-ana-maria-goncalves/>

Artigo Um defeito de cor: o entre e o duplo da diáspora, de Cristiane Felipe Ribeiro de Araújo Côrtes:

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/440-um-defeito-de-cor-o-entre-e-o-duplo-da-diaspora>

O racismo na academia apagou a história de Dandara e Luisa Mahin

<https://theintercept.com/2019/06/03/dandara-luisa-mahin-historia/>

Assista:

ANA MARIA GONÇALVES | #Arte1Contexto ENCONTROS LITERÁRIOS

<https://www.youtube.com/watch?v=0hshcSEbZvw>

IMAGENS

Fotografia de Ana Maria Gonçalves cedida pela Editora Record